

Risco de déficit na balança comercial

Ainda que o Brasil passe distante da recessão, o país será duramente afetado pela retração econômica dos países mais ricos do mundo, como EUA, Japão, Reino Unido e os que formam a Zona do Euro. "As exportações vão desabar e, por tabela, o balanço de pagamentos do país com o exterior registrará sensível deterioração", afirma Carlos Thadeu Filho, economista-chefe da SLW Asset Management. É essa perspectiva, inclusive, que está pressionando os preços do dólar.

A redução no fluxo de dólares não seria tão problemática se as

segundo Thadeu, as exportações serão afetadas pelo menor crescimento mundial no ano que vem — de 1% a 2%, conforme as estimativas do Banco Mundial e do FMI — tanto em termos de quantidade quanto em valores. "O mundo comprará menos do Brasil e os preços das commodities, principais produtos exportados pelo país, estão em queda livre", destaca. O resultado será menor volume de dólares entrando na economia.

A redução no fluxo de dólares não seria tão problemática se as importações também caíssem de forma acentuada. "O problema é que, por enquanto, não vemos isso, pois o governo não dá sinais de que reduzirá seus gastos, pressionando o consumo", afirma o economista da SLW. Sendo assim, o superávit da balança comercial deste ano, de pouco mais de US\$ 20 bilhões, poderá se transformar em um déficit superior a US\$ 10 bilhões em 2009, ampliando o rombo das contas externas, que deve saltar para mais de US\$ 50 bilhões ou 2% do Produto Interno Bruto (PIB).

Com esse buraco, o Brasil terá que atrair mais dólares para financiá-lo. Mas como fazer isso em um quadro recessivo, com empresas em dificuldades, adiando projetos e demitindo, e investidores arredios por causa dos prejuízos acumulados nos últimos meses? "O Brasil tem a vantagem de que continuará crescendo, mesmo em um ritmo menor, e com a inflação sob controle", diz Zeina Latif, economista-chefe do Banco ING. "Neste contexto, o país tende a continuar recebendo a atenção dos

estrangeiros", acrescenta Jankiel Santos, economista-chefe do Banco BES Investimento. Ele acredita que os investimentos diretos, voltados à produção, ficarão entre US\$ 25 bilhões e US\$ 30 bilhões em 2009.

Na opinião dos economistas do Bradesco, o ajuste das contas externas virá por meio do câmbio. O dólar mais alto tenderá a reduzir as remessas de lucros e dividendos pelas multinacionais instaladas no país e a conter os gastos com viagens no exterior. (VN e ES)

*Carlos Thadeu
Economista-chefe da SLW*